

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Venezuela: Uma Abordagem Antissistêmica

Charles Pennaforte*

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar o governo de Hugo Chávez através da perspectiva antissistêmica baseada nos trabalhos teóricos de Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi. A partir desse prisma são analisadas algumas posições do governo chavista no contexto latino-americano e internacional que configuram uma perspectiva pró-ativa na construção de um bloco histórico antissistêmico e anti-EUA.

Palavras-chave: Venezuela, Hugo Chávez, Bloco Histórico, Movimentos Antissistêmicos.

Abstract

The article analyzes the government of Hugo Chávez from the perspective antisystemic based on theoretical work of Immanuel Wallerstein and Giovanni Arrighi. From this perspective we discuss some positions of the Chavez government in the Latin American and international perspective that make up a pro-active in the construction of a historical bloc antisystemic and anti-US.

Key words: Venezuela, Hugo Chávez, Historical Bloc, Antisystemic Movements.

* Diretor geral do CENEGRI. Doutorando em Relações Internacionais pela Universidad Nacional de La Plata (Argentina). E-mail: charlespennaforte@cenegri.org.br.

Recebido em 15/12/2009. Aprovado para publicação em 08/02/2010.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Introdução

O presente artigo faz parte do projeto desenvolvido em nível de doutorado que tem como objetivo fazer uma análise crítica sobre o papel desenvolvido pela Venezuela no atual contexto latino-americano e internacional desde a chegada de Hugo Chávez ao poder há mais de uma década sob a perspectiva “antissistêmica”.

A posição “antissistêmica” da Era Chávez que apresentamos em caráter introdutório em 2005¹ era reconhecida, a nosso ver, pela defesa de um discurso antiimperialista vigoroso tanto no cenário doméstico como internacional. Tal discurso atraiu os holofotes da imprensa internacional, principalmente dos setores conservadores que, ao tentar articular uma explicação factível para o seu sucesso político, recorre aos velhos chavões do período da Guerra Fria e, o que é pior, ataca o atual modelo democrático do continente como “fraco”, “populista” e “inconsistente”. Contudo, fica a pergunta: isso é realmente verdade? Ou Chávez é fruto direto do malogro neoliberal dos anos 1990 que levou de milhões de venezuelanos e latino-americanos à miséria? A guinada política à esquerda não faria parte deste contexto?

Se pelo lado conservador a retórica sofre da pobreza teórica e do clássico panfletismo de direita, a esquerda, por outro lado, detectou a possibilidade de uma nova liderança internacional na defesa do socialismo (ambíguo por sinal), apesar de alguns setores desconfiarem do seu passado militar golpista. Contudo, o fato é que Chávez está sempre nos holofotes, provocando polêmica e chamando a atenção para si, ao mesmo tempo em que atrai aliados para o seu campo ideológico.

O objetivo desse artigo é apresentar algumas considerações sobre o atual momento venezuelano à luz de uma perspectiva mais crítica e fora dos atuais “marcos analíticos” de especialistas e da grande imprensa que não procuram (ou não querem) entender o atual momento da pátria de Simon Bolívar.

¹ PENNAFORTE, Charles & LUIGI, Ricardo. Venezuela e os Movimentos Anti-Sistêmicos nos Estados da América Latina. In: Revista Intellector (CENEGRI). v. II. Rio de Janeiro, 2005, pp. 25-35.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Hugo Chávez e a Construção de uma Venezuela Influente

A chegada de Hugo Chávez ao poder na Venezuela no final dos anos 1990 deu início a uma reformulação na geopolítica e nas relações internacionais latino-americanas. Com um discurso agressivo antiimperialista, a Venezuela deixou o seu tradicional papel de ator secundário do cenário latino-americano para tentar tornar-se um *player* regional.

Apontada como uma tradicional democracia estável na América Latina, a Venezuela caminhou na direção da instabilidade política após o malogro das receitas neoliberais implementadas no final do século XX. “Receitas” que foram apontadas como a única forma de “salvar” o continente do atraso social e do descalabro econômico. Contudo, os responsáveis pelas “receitas salvadoras” neoliberais foram os mesmos que haviam provocado o colapso econômico do período anterior.

Dentro desse contexto, o presidente Hugo Chávez soube capitanear os descontentamentos populares e assumir um projeto duplo – a “Revolução Bolivariana” – que tem como objetivos claros o antiamericanismo, ao mesmo tempo em que propõe uma série de ações que aumentam a sua influência continental e internacional. No plano interno atua para satisfação das camadas populares através de políticas públicas sociais de amplo alcance.

A revolução bolivariana e a ideia de “socialismo do século XXI” são as duas principais bandeiras defendidas por Hugo Chávez. Segundo Carlos Cesar Almendra², Chávez teria sido influenciado por três personagens principais para história da Venezuela que formariam a base teórica do atual momento “revolucionário” venezuelano:

(...) “1) *El Libertador*, ou seja, o próprio Simon Bolívar, que atuou nas lutas pela libertação da Venezuela e Colômbia (1819), do Equador (1822) e da Bolívia (1825); 2) Simon Rodriguez, professor de Bolívar, que na década de 1820 defendia uma educação de caráter igualitário, incluindo aí os filhos de negros e índios, num momento em que se mantinha a escravidão. Defendia também que a América deveria desenhar sua

² Hugo Chávez e a Revolução Bolivariana na Venezuela. In: IV Colóquio Marx e Engels do Centro de Estudos Marxistas. Unicamp, p.1, 8-11 de novembro de 2005.

<<http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m3c4.PDF>> Acessado em 28/12/2009.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

própria identidade e não simplesmente imitar as grandes potências; 3) Ezequiel Zamorra, líder popular do século XIX, tinha um verdadeiro horror à oligarquia e defendia que os movimentos de camponeses e militares deveriam lutar pela reforma agrária e pela democracia direta”.

Sob tais influências, Chávez colocou em prática um novo rearranjo político consolidando um novo bloco histórico sem a participação das tradicionais classes dominantes venezuelanas. Classes que estavam abrigadas dentro de uma estrutura paraestatal e que viviam dentro de um padrão de vida impensável para a maioria dos venezuelanos. Rompendo com esta dicotomia, o Estado passou a beneficiar as camadas populares através de políticas públicas, modificando a tradicional prioridade do país.

Por apresentar um papel pró-ativo no que tange à sua desenvoltura no cenário internacional e latino-americano, a Venezuela desempenha o papel antissistêmico no que se refere à sua postura antiimperialista e “piemontesa”, tal como ocorreu com o Estado do Piemonte durante a unificação italiana analisada por Antonio Gramsci³. Na prática, um Estado que toma as rédeas do processo, deixando em segundo plano as iniciativas partidas dos grupos sociais.

Como assinalou Gramsci, “A função do Piemonte no *Risorgimento* italiano é a de uma ‘classe dirigente’”.⁴ O pensador italiano, ao analisar a realidade da formação do novo Estado nacional italiano apontou a existência de núcleos políticos que não eram na realidade dirigentes.

Segundo Gramsci,

(...) queriam que uma força nova, independente de qualquer compromisso e condição, se tornasse o árbitro da Nação: esta força foi o Piemonte (...)⁵.

Sendo assim, acreditamos que tal como o Piemonte foi comparado a um “partido” – desempenhando tal função – por Gramsci⁶, para nós, a Venezuela possui uma perspectiva próxima na América Latina como uma nação que atua como um “líder”, a “função piemontesa”.

³ Cadernos do Cárcere – 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁴ Op. Cit., p. 328.

⁵ Op. Cit., pp. 328-329.

⁶ Op. Cit., p. 329. Segundo Gramsci, “(...) O Piemonte, portanto, teve uma função que, sob certos aspectos, pode ser comparada à do partido, isto é, do pessoal dirigente de um grupo social (e, com efeito, sempre falou de um “partido piemontês”); com particularidade de que se tratava de um Estado, com um exército, diplomacia, etc”.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Principalmente no que se refere ao conceito utilizado pelo pensador italiano de “revolução passiva”⁷.

Julgamos aqui que a abordagem gramsciana é a mais adequada para a compreensão do processo dialético em voga na Venezuela, ao mesmo tempo em diminui as tentações do determinismo econômico para analisar uma dinâmica tão complexa.

Dentro dessa lógica, mesmo um Estado limitado como potência (a Venezuela) consegue liderar outras nações (Equador e Bolívia, por exemplo) para a defesa de seus interesses, inclusive com alianças militares e força político-diplomática, a ALBA-TCP (Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América – Tratado de Comércio dos Povos), por exemplo.

Chavéz e a Construção da Hegemonia

A conquista da hegemonia por Hugo Chávez tornou-se incontestável desde 1998 e pode ser explicada pela sua grande capacidade em suprir as demandas das camadas populares como já assinalamos anteriormente.

Poderíamos apontar como aspectos históricos importantes para a sua eleição, entre outros fatores, a falência do sistema político do país alicerçado no *Puntofijo*⁸, a corrupção endêmica e as elites econômicas insensíveis ao miserável quadro social.

⁷ Op. Cit., pp.321-322. Para Gramsci, “O conceito de “revolução passiva” deve ser deduzido rigorosamente do dos princípios fundamentais de ciência política: 1) nenhuma formação social desaparece enquanto as forças produtivas que nela se desenvolveram ainda encontrarem lugar para um novo movimento progressista; 2) a sociedade não se põe tarefas para cuja solução ainda não tenha germinado as condições necessárias, etc. Naturalmente, estes princípios devem ser, primeiro, desdobrados criticamente em toda a sua dimensão e depurados de todo resíduo de mecanicismo e fatalismo. Assim, devem ser referidos à descrição dos três momentos fundamentais em que se pode distinguir uma “situação” ou um equilíbrio de forças, com o máximo de valorização do segundo momento, ou equilíbrio das forças políticas e especialmente do terceiro momento, ou equilíbrio político militar”. (...)

⁸ O Pacto de Puntofijo, segundo Maringoni, (...) “tinha a pretensão de reduzir as diferenças ideológicas e programáticas entre seus signatários e lançar as bases para uma convergência de interesses que tinha como ponto de apoio o domínio do aparelho de Estado. Na prática, ele se converteria, mais tarde, num acerto entre AD (Ação Democrática) e Copei (Comitê de Organização Política Eleitoral Independente) e um terceiro partido (...). O pacto representou um jeito de acomodar na partilha do poder as diversas frações da classe dominante, incluindo aí o capital financeiro, as empresas de petróleo, a cúpula do movimento sindical, a Igreja e as Forças Armadas”. (...) Marigoni, Gilberto. A Revolução Venezuelana. São Paulo: Editora UNESP, p. 62, 2009.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Depois de séculos à margem do processo político e das políticas sociais, a “Revolução Bolivariana” conseguiu satisfazer, pelo menos em parte, as necessidades da população mais pobre.

Durante os primeiros anos de governo Chávez foi assinada uma nova Constituição que ocasionou várias alterações legais de grande impacto na área social, sendo elas: reconhecimento dos povos indígenas e maior participação na sociedade, ampliação dos direitos humanos, participação cidadã no aparelho estatal, mudanças na Lei de Terras com transferência de terras para cooperativas etc.

Após sua consolidação no poder pós-golpe de 2002, Chávez aprofundou inúmeras políticas sociais, denominadas “Missões”. As principais Missões são: Bairro Adentro⁹, Robinson¹⁰, Mercal¹¹, Piar¹², entre outras. As expropriações de fábricas também beneficiaram as camadas populares, passando-as para controle direto dos operários ou em regime de cogestão com o Estado.

Com tais políticas públicas sociais, Chávez conseguiu montar o seu bloco histórico alicerçado, agora, nas camadas mais pobres da população que reconheceram no mandatário o seu representante legítimo.

A hegemonia doméstica consolidada permitiu a Chávez estabelecer novas prioridades na política externa de Miraflores¹³. Sua grande capacidade de liderança aliada à habilidade política interna de colocar à margem as tradicionais elites venezuelanas – apesar da atuação dos grupos opositores pró-EUA – criaram o ambiente favorável para o governo venezuelano assumir uma postura pró-ativa na América Latina e no cenário internacional.

O que chamamos de postura pró-ativa para a Venezuela liderada por Hugo Chávez, deve ser entendida dentro de uma perspectiva de atuação política mais incisiva na América Latina e de enfrentamento aos EUA. Após o golpe de Estado perpetrado contra o seu governo em 2002, por opositores que contavam com o apoio dos EUA, Chávez aumentou sua retórica antiimperialista através de ataques a Washington cada vez mais intensos.

⁹ Convênio entre a Venezuela e Cuba para a atuação de médicos nos bairros venezuelanos.

¹⁰ Missão educativa com o objetivo de erradicar o analfabetismo.

¹¹ Construção de armazéns e supermercados com alimentos de primeira necessidade subsidiados.

¹² Criação de cooperativas e comitês para a construção de casas.

¹³ Sede do governo venezuelano.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Ao mesmo tempo, Miraflores alavancou uma política externa regional para aumentar a sua influência entre as nações latino-americanas que estavam caminhando para o mesmo espectro ideológico.

A parceria de primeira hora foi com Cuba e tornou-se emblemática. As vitórias de Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador criaram o ambiente favorável para a Venezuela liderar um espectro político-ideológico mais à esquerda na América Latina.

A Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América – Tratado de Comércio dos Povos (ALBA-TCP)¹⁴ – criada em oposição à proposta defendida pelos EUA da Área de Livre Comércio para as Américas (ALCA), gerou um contraponto ideológico e político na América Latina importante. A ALBA-TCP é composta na atualidade por Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua, Dominica, Honduras, Equador, Antigua e Barbuda e São Vicente e Granadinas.

A Venezuela passou a liderar países que, apesar de sua pequena ou nula influência na geopolítica latino-americana, apontavam para uma “divisão de poder” no continente dentro de uma retórica antiimperialista. A Venezuela passou a dividir a liderança com Brasil, observado por especialistas como um natural líder na região.

No eixo Caracas-La Paz foram assinados inúmeros acordos bilaterais¹⁵ que proporcionaram uma grande proximidade entre os dois países, aumentando a influência da Venezuela sobre o vizinho andino.

No âmbito militar, o acordo entre os dois países chegou em maio de 2008 com a assinatura do *Memorando de Entendimiento en Materia de Seguridad y Defensa* pelos ministros da defesa boliviano Walter Sanmiguel e pelo venezuelano Gustavo Rangel Briceño. Alguns pontos do acordo foram divulgados pelo governo venezuelano e pela imprensa boliviana¹⁶, sendo elas:

(...) “La cooperación en el área de aviación militar comprende el intercambio de pilotos a partir del primer semestre de 2009, la ejecución de misiones administrativas

¹⁴ No dia 14 de dezembro de 2004, em Havana, Hugo Chávez e Fidel Castro assinaram um acordo de cooperação econômica entre as duas nações, a Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA), que teve início com a participação cubana no processo de cooperação da saúde na Venezuela e, em contrapartida, a venda de petróleo subsidiados para Havana.

Em 2006 sob a presidência de Evo Morales, a Bolívia entra para a ALBA a partir da assinatura do Tratado de Todos os Povos (TCP). Em 24 de junho de 2009, o bloco é rebatizado de Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América – Tratado de Comércio dos Povos (ALBA-TCP).

¹⁵ Acordos de cooperação nas áreas: energética, agropecuária e desenvolvimento rural, educação superior, desenvolvimento social, esportiva e saúde.

¹⁶ Jornal El Mercurio, *Venezuela y Bolivia firmaron un acuerdo de “cooperación militar”*, 22/05/2008.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

(transporte de personal y misiones de apoyo) y asesoramiento técnico al Sistema Aéreo Boliviano.

En capacitación, intercambiarán oficiales para participar en los cursos de Estado Mayor y como participantes y observadores en las maniobras militares. Además de brindar asesoramiento técnico para preparar, planificar y elaborar programas de juegos de guerra computarizados, crear y organizar liceos militares, y una escuela de idiomas en Bolivia.

A su vez organizarán de manera conjunta cursos de inteligencia y operaciones psicológicas e intercambiarán información sobre el funcionamiento del sistema de mantenimiento de armas y equipos. Además, intercambiarán cursos de operaciones especiales, paracaidistas y Estado Mayor. Oficiales de la Fuerza Aérea Boliviana recibirán entrenamiento en la operación de aviones Hércules C-130 por parte de la Aviación Militar venezolana. Intercambiarán información en lo relativo a la estructura organizacional de la Fuerza Armada y sobre la *participación de profesionales civiles en la misma.*

En asuntos marítimos, intercambiarán pasantes en las campañas hidrográficas y de cartografía. La Fuerza Armada de Venezuela coordinará pasantías de hasta tres participantes de la Fuerza Naval Boliviana en Administración Portuaria y Astilleros. Intercambiarán personal militar en Astilleros Navales.

Así mismo, profesionales del Comando de Ingeniería del Ejército Boliviano y personal de la Fuerza Naval Boliviana *participarán en las operaciones de ayuda humanitaria que realice la Brigada Internacional de Ayuda Humanitaria Simón Bolívar.* Cadetes de la Escuela Naval Boliviana participarán en instrucción y navegación en el Buque Escuela Simón Bolívar y en buques de la Armada venezolana". (...)

Pelo lado equatoriano, Rafael Correa tornou-se um rápido aliado aumentando o "eixo" para Caracas-La Paz-Quito. A vitória de Rafael Correa obedeceu à mesma lógica presente nas reivindicações das camadas populares sempre alijadas do processo político e econômico do continente.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Em outubro de 2009, dando prosseguimento ao aumento de sua influência, a Venezuela e o Equador assinaram uma série de acordos envolvendo os setores energético, militar e financeiro. Foi estabelecida a criação de empresas binacionais, como a mineradora Mariscal Sucre e a Siderúrgica do Pacífico Eloy Alfaro, além de um empreendimento alimentício.

Também foi acordada a criação de um fundo Equador-Venezuela para financiar projetos binacionais nas áreas de transporte, turismo, alimentos, saúde, ambiente, energia, infraestrutura e telecomunicações, sendo que este último visa a construção de um "observatório latino-americano de mídia" e a incorporação do Equador no projeto da Rádio do Sul. A Venezuela ainda realizou uma doação de US\$ 20 milhões em cadeiras de rodas, muletas e equipamentos médicos.

Foi assinado um convênio técnico-militar que, segundo Chávez, tem como objetivo "fortalecer a capacidade militar de nossos países, nossas revoluções"¹⁷. Segundo Correa, "Demos um passo à frente para alcançar esta união, integração, entre povos irmãos", ressaltou Correa, demonstrando a importância de acelerar este processo de integração, já que, segundo ele, "há muitos urubus que buscam fracassar as vias alternativas do socialismo"¹⁸.

Com a importância assumida por Hugo Chávez desde a sua chegada ao poder e a polarização provocada por suas ações tanto na América Latina (alianças políticas construídas com a Bolívia e o Equador, como já observamos) como pelo enfrentamento com os EUA, tornaram a Venezuela uma preocupação para Washington.

A aliança da Venezuela com Bolívia e Equador consubstancia uma estratégia contra-hegemônica por parte dos três países. A Venezuela aproveita-se da brecha deixada pelo baixo interesse do sistema hegemônico nos países andinos. E, para esses países, a militarização fomentada pelo governo venezuelano os coloca em outro patamar, em capacidade de tentar dialogar no cenário geopolítico sul-americano.

¹⁷ Ver Agência Ansa Latina em 08/10/2009.

<<http://www.ansa.it/ansalatinabr/notizie/notiziari/equador/20091008083234959435.html>>

¹⁸ Op. Cit.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

A Dimensão Antissistêmica

A utilização da perspectiva antissistêmica na análise do papel desempenhado na Venezuela pelo governo Hugo Chávez, está baseada no trabalho teórico desenvolvido por Giovanni Arrighi, Terence K. Hopkins e Immanuel Wallerstein¹⁹, influenciados por Antonio Gramsci²⁰. Os autores têm suas premissas teóricas fundamentadas na abordagem marxista do conflito entre classes sociais.

Um importante argumento utilizado ainda por Arrighi²¹ é de que os movimentos contra-hegemônicos (antissistêmicos) ocorreriam em função da falência das políticas públicas nos Estados menos desenvolvidos, o antigo “Terceiro Mundo”. Os países centrais não teriam a capacidade de auxiliar os países periféricos ao mesmo tempo em que as elites dos países menos desenvolvidos, por outro lado, não reduziriam as tensões internas decorrentes das desigualdades sociais²².

A Venezuela, sob a tutela do governo Chávez, investe em uma nova inserção no sistema regional latino-americano, numa perspectiva muito próxima ao quarto modelo teórico definido por Arrighi²³.

A eleição de Chávez em dezembro de 1998 representou o fim de 40 anos de hegemonia dos tradicionais grupos conservadores políticos, fato precipitado pela má sucedida experiência neoliberal dos anos 1990.

¹⁹ Arrighi et alli. *Antisystemic movements*. New York: Verso, 1989.

²⁰ Já analisamos a importância das posições gramscianas no item *Hugo Chávez e a Construção de uma Venezuela Influyente*.

²¹ Segundo Arrighi et alli., op. cit., os movimentos antissistêmicos se fundam em cinco pilares: “First, opposition to oppression has been a constant of the modern world-system. Nevertheless, before the middle of the nineteenth century this opposition was short-term and “spontaneous, and as such largely ineffectual at the level of the system. This innovation had important repercussions on the dynamic of the world capitalist system, as specified by the second and third propositions below” (pp. 29-30). A segunda perspectiva se funda nos séculos XIX e XX na perspectiva marxista do conflito entre classes sociais. Os movimentos sociais então estariam dispostos a “substituir o capitalismo pelo socialismo”. Chegar ao poder de Estado seria a ideia dos movimentos sociais de acordo com a terceira perspectiva defendida pelos autores. A quarta perspectiva corresponderia: “(a) a reduced capacity of First and Second World states to police the Third World; (b) a reduced capacity of dominant status groups in core countries (older generations, males, “majorities”) to exploit/ exclude subordinate status groups (younger generations, females, “minorities”); (c) a reduced capacity of managerial strata to enforce labor discipline in the workplace and associated global search for “safe heavens” of 3 such discipline;(d) a reduced capacity of states to control their respective civil societies and associated crisis of “bourgeois” and “proletarian” dictatorships alike” (pp.103-106).

²² Opus Cit.

²³ Corresponderia ao item (d), Op. Cit., 103-106

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

A farta disponibilidade de petróleo na Venezuela, transforma o país no principal exportador continental da matéria-prima. Por conta disso, os governos baseados em Caracas sempre aproveitaram as altas dos preços da mercadoria "petróleo" e, independente disso, sempre a utilizaram como um instrumento básico na busca do desenvolvimento econômico e como moeda de troca na tentativa de exercer a liderança subregional. Esse tipo de atuação provoca atritos com os países hegemônicos, em particular, os EUA.

Capitalizando em cima desses atritos, o governo Chávez instituiu a guinada ao "Socialismo do Século XXI", nas palavras do mesmo. Essas idéias também estão sintetizadas no termo "Revolução Bolivariana". Segundo Bueno²⁴, esse modelo de desenvolvimento se assenta em três bases:

La primera de ellas orientada a la implementación de nuevas formas de propiedad empresarial promovidas por el Estado, cooperativas y empresas de producción social; Seguida por una política denominada "núcleos endógenos básicos", en la que el Estado se dedica a la producción industrial y a la prestación de servicios, previa nacionalización de empresas del sector privado; La última relacionada con el establecimiento de programas de capacitación laboral.

Caminhos e Perspectivas da Venezuela

Como não poderia deixar de ser, a Venezuela de Hugo Chávez desperta "ódio e paixão". Suas atitudes intempestivas no trato diplomático²⁵ corroem a sua posição de Chefe-Estado, aumentando a pressão sobre sua própria imagem e de seu governo.

Os críticos do governo chavista apontam que a "Revolução Bolivariana" não alcançou os seus objetivos. Nessa perspectiva encontramos Francisco Rodríguez, ex-economista-chefe da

²⁴ Juliana Gutiérrez Bueno. Venezuela en el camino hacia el socialismo del siglo XXI. La Plata, UNLP/IRI, p.1, 2008.

²⁵ Sua atuação internacional é marcada por agressões verbais, inclusive de baixo calão contra chefes de Estado "inimigos" como, por exemplo, o ex-presidente dos EUA George W. Bush e o presidente colombiano Álvaro Uribe.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

Assembléia Nacional, que assinala o êxito político de Chávez na Venezuela entre 2000-2004, como “una combinación de suerte y manipulación del sistema político”²⁶.

Outra análise que aponta para os “perigosos rumos” tomados pela Venezuela pode ser encontrada em dois artigos escritos por Normal Gall²⁷, diretor-executivo do Instituto Braudel de Economia Mundial.

Nos dois artigos são abordadas importantes questões da política da Venezuela, da caótica situação econômica e de abastecimento do país etc. Gall começa seu primeiro artigo tecendo a seguinte advertência:

“A Venezuela serve de advertência para o resto da América Latina quanto aos custos da degradação e falência das instituições públicas. A história da Venezuela é uma história do impacto das receitas petrolíferas sobre as instituições fracas, agravada por dramáticas transformações demográficas, que precedeu a ascensão ao poder do presidente Hugo Chávez e sua “Revolução Bolivariana”, em 1998, e que Chávez elevou a um novo nível de desordem. A Venezuela inspira tristeza, medo e indignação diante do que essa desordem pode acarretar”²⁸.

Seu texto faz uma grande análise histórica do processo histórico que permitiu a chegada de Chávez ao poder. No segundo artigo Norman Gall analisa a “Revolução Bolivariana”. É traçado um perfil panorâmico da biografia de Hugo Chávez, sua atuação internacional e sob o seu governo, a decadência da infraestrutura venezuelana que não recebe, segundo o autor, os investimentos necessários até 2006, período analisado pelo historiador.

A entrada na segunda década do século XXI não parece muito promissora do ponto de vista econômico. Tal como analisou Normal Gall, a situação econômica da Venezuela era e é extremamente preocupante. O país passa por uma das maiores crises energéticas já vistas no país.

Segundo o governo, a crise energética se consubstancia na seca que afeta as hidrelétricas venezuelanas. Esta seca seria ocasionada pelo fenômeno El Niño e pelo “desperdício” da

²⁶ Una Revolución Vacía. In: Foreign Affairs Latinoamérica, v. 87, nº 2, p.123.

²⁷ Petróleo e Democracia na Venezuela – Parte 1: Porque Chávez? São Paulo: Braudel Papers,, nº 40, 2006 e Parte2: Petróleo e democracia na Venezuela – A revolução bolivariana. São Paulo: Braudel Papers, nº 41, 2006

²⁸ Op. Cit. p. 1.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

população. O fato é que a hidrelétrica El Guri, responsável por 70% da geração de energia do país, perde diariamente 13 centímetros de água. Para 2010, o governo anunciou investimentos de US\$ 4 bilhões para reverter os efeitos da seca.

A solução para impedir o colapso total do sistema hidrelétrico é um rigoroso racionamento com muitas pesadas para quem não se adequar. O fato é que os críticos do seu governo já vinham apontando há bastante tempo a falta de investimentos na infraestrutura do país.

A grande destreza de Hugo Chávez na política externa na construção de uma perspectiva antissistêmica não está ocorrendo do mesmo modo no cenário econômico interno após a queda dos preços dos barris de petróleo. Apesar de ter bons níveis de popularidade em função da melhora do padrão de vida dos venezuelanos pobres²⁹, Chávez não está conseguindo o mesmo êxito na economia que possui uma inflação anual de 21% em 2009. Para alguns economistas a inflação supera os 30%. A longo prazo isso pode ser um problema.

Em 2004 o crescimento do PIB alcançou 18,3% para logo depois descer a ladeira e chegar em 2009 a -2,9% contra -1,8% da América Latina no mesmo período. Em meio a esse quadro, a economia venezuelana mantém a sua dependência das exportações do petróleo que atingem 94%, fato que coloca o país vulnerável as intermináveis oscilações dos preços internacionais.

Com o atual cenário econômico preocupante, Chávez terá que exercer toda a sua capacidade de liderança para manter os seus índices de popularidade e torcer para que os lucros advindos do petróleo continuem a salvar a Venezuela.

BIBLIOGRAFIA

ALMADA, Izaías. **Venezuela: Povo e as Forças Armadas**. São Paulo: Caros Amigos Editora, 2007.

ALMENDRA, Carlos Cesar. **Hugo Chávez e a Revolução Bolivariana**.

²⁹ A pobreza e a indigência que em 2002 atingia 48,6% da população, em 2009 caiu para 27,6%. Dados disponíveis na Folha de S. Paulo, 14/02/2010, p. A10.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

<http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m3c4.PDF>. Acessado em 22/12/2009.

AMIN, Samir. **Imperialismo e Desenvolvimento Desigual**. São Paulo: Vértice, 1987.

ARRIGHI, Giovanni. **Hegemonia e Movimentos Anti-Sistêmicos**. In: Os Impasses da Globalização: Hegemonia e Contra-Hegemonia (Vol.1). São Paulo: Ed. Loyola, p. 107-121, 2003.

_____ et alli. **Antisystemic movements**. New York: Verso, 1989.

_____. **Hegemony and antisystemic movements**. Rio de Janeiro: Seminar International REGGEN 2003.

_____. **O Longo século XXI**. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 1996.

BUCI-GLUCKSMANN, Christinne. **Gramsci e o Estado**. São Paulo: Paz e Terra, 2ª ed., 1990.

BUENO, Juliana Gutiérrez. **Venezuela en el camino hacia el socialismo del siglo XXI**. In: Centro de Estudios Sudamericanos/Departamento de América Latina y el Caribe. La Plata: Universidad Nacional de La Plata/Instituto de Relaciones Internacionales, 2008.

ELLNER, Steve. **Las estrategias “desde arriba” y “desde abajo” del movimiento de Hugo Chávez**. Venezuela: Cuaderno del Cendes, v.23, n. 62, maio de 2006.

FRANKLIN, Cleber Batalha. **Segurança e defesa nas relações entre o Brasil e a Venezuela**. Caxambu: 30º Encontro Anual ANPOCS 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética de História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. **Cadernos do Cárcere – 5**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GOTT, Richard. **À Sombra do Libertador**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2004.

GUIMARÃES, Samuel P. & CARDIM, Carlos H. **Venezuela – Visões brasileiras**. Brasília: IPRI/FUNAG, 2003.

HARDT, Michel & NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

HARRIS, Jerry. **Bolivia and Venezuela: the Democratic Dialectic in New Revolutionary Movements**. In: Race & Class, Institute of Race Relations, v. 49(1)pp. 1-24.

Ano VI	Volume VI	Nº 12	Janeiro/Junho 2010	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	--------------------	----------------	----------------

LENINE, Vladimir I. **O Imperialismo, fase superior do capitalismo**. In: V.I. Lenine, Obras Escolhidas (Vol. 1). São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986.

LOWENTHAL, Abraham F. **De la Hegemonía Regional a las Relaciones Bilaterales Complejas: Estados Unidos y América Latina a principios del Siglo XXI**. Nueva Sociedad, nº 206, noviembre-diciembre de 2006.

MARINGONI, Gilberto. **A Venezuela que se inventa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **A Revolução Venezuela**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

NEGRI, Antonio & COCCO, Giuseppe. **Global: biopoder e luta em uma América Latina globalizada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

PENNAFORTE, Charles & LUGI, Ricardo. **Venezuela e os Movimentos Anti-Sistêmicos nos Estados da América Latina**. In: Revista Intellector (CENEGRI). v. II. Rio de Janeiro, 2005, pp. 25-35.

SANTOS, Marcelo. **O poder norte-americano e a América Latina no pós-Guerra Fria**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

_____. **Cinco lições sobre o império**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

UCHOA, Pablo. **Venezuela: a encruzilhada de Hugo Chávez**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Geopolitics, class politics, and the current world disorder**. Rio de Janeiro: Seminar International REGGEN 2003.

_____. **Utopística ou as decisões históricas de século vinte e um**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

_____. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.